

A Moda Retrô está de Volta:

CRÔNICAS DO COTIDIANO



ROSELI GIMENES

Edição comemorativa

Um presente de amor

Os textos que estão selecionados aqui já tiveram espaço em meu antigo blogue da Editora NovaE.

Outros já apareceram em antologias por aí.

O importante é que eles sejam meu presente pela presença de vocês ao lançamento de meu novo blogue do meu site.

Agradeço por tudo e sempre por tudo o mais à amiga Jorgina, responsável pelo site.

Beijos no coração de cada um.

Roseli Gimenes

Barueri, 02 abril de 2021

Sumário

Uma metrópole chamada São Paulo	04
No cinema com “Chega de Saudade”	06
Uma questão degenerada	10
O ano em que meus filhos saíram de férias	12
Duskolino sete belezas ou de como o cinema entrou na vida dele	14

Uma metrópole chamada São Paulo

"cidade city cité."

Augusto de Campos



Foto: Folha de São Paulo

Seis horas da manhã. Badaladas beneditinas. Canto gregoriano e um cheiro de incenso tomam o ar de São Bento. Passa das dez e o aroma migra para o café Girondino.

A caminhada segue pelo viaduto Santa Ifigênia. Largo olhar ao vale do Anhangabaú.

Retorno e de frente surge o Pátio do Colégio branquinho das areias pegadas de Anchieta.

O vale atrai e por lá é possível chegar à Praça da Luz.

Pinacoteca. Museu da Língua Portuguesa. Guimarães e

Clarice já lá estão estiveram. Estação da luz. Aquele relógio marca nova badalada. São paulistanos e paulistas e migrantes e imigrantes e tantos zé-ninguém na correria dos trilhos de ferro.

Do outro lado, a Sala São Paulo, música estonteante de sinfônicas outonais e maestros de não tão longas casacas. O som se mescla às ruas árabes, coreanas, libanesas, bolivianas frenéticas e lotadas

de roupas e quinquilharias do Bom como é bom Retiro. Sentir aquela fome e dar uma passadinha nas cantinas de tantas italianas que você que sabe se piolin se é o massimo. Cai a tarde. Não precisa descer a Augusta a 120 por hora. Devagar a claridade já ameaçada esbarra no Teatro Municipal de século vinte andradino oswaldiano movimento modernista. *Tupi or not Tupi.*

Subir então a Augusta. Um cinema cult do Espaço Unibanco. Cartola passa lá. Lindo no fusco-lusco da tela. Fosse show, aplausos, aplausos. Ainda é tempo na noite paulistana que se aproxima já com um disfarçado friozinho da já não tão cidade da garoa de Adoniran Barbosa. Entrar no Bar Brahma e ouvir Cauby? Demônios?

Ou seguir para a cidade de um tempo (fora) fora da Capital: Santo Amaro. Se a noite se faz é hora de acender a vela, já é profissão. Samba de vela. Assim: pequena mesa ao centro. Uma vela é acesa. O samba só vai parar quando ela também resfolegar. Vão chegando os da comunidade, acercam-se da vela. Violões, cavaquinhos, pandeiros e a voz de

rouquidão bonita começa chamando fiéis a sentar. A roda cresce. Silenciosa. O ritual é sacro sagrado. Vale retornar o refrão, vale aplaudir. Conversar?

Vale, não!

Desfilam compositores de Chapinha e Paquera e Galdino “acendeu a vela o samba já vai começar ela é quem chama que é viva chama pro povo cantar”.

E lá vem Tia Dita:

“olha o pé inchado olha o pé inchado”.

Puro enlevo, olhos marejados, o samba está para acabar.

Galdino entoia “chora porque a vela se apagou porque o samba terminou chora, chora a comunidade chora.”

Enxugar os olhos.

Ainda há tempo para São Paulo desfilarem seu mais famoso aroma dos barões cafeeiros. Passar no Frans’ Café em Moema indígena de tempos românticos do país ufanista.

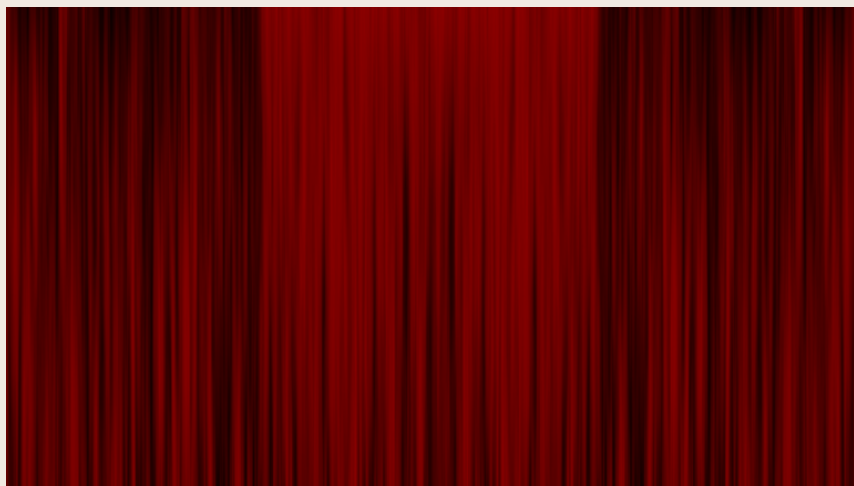
Já um galo tecerá nova manhã cabralina.

Pegar a Marginal.

Ponto final.



No cinema com “Chega de Saudade”



A aproximação da câmera sempre busca um constrangimento. Aquele close-up se ocorre na televisão da nova tecnologia século XXI é reconfortante, no entanto.

Por que a angústia da sala escura não?

Em “Gritos e Sussurros”, de Bergman (1973), a fotografia fílmica realizada pelo lendário Sven Nykvist faz o espectador voyeur atravessar o mundo da morte, ouvir as caras da morte. A ideia de identificação do cinema naturalista acaba ficando anos luz distante.

De alguma maneira, amamos o filme. De todas as maneiras, mais a morte nos atrai; mesmo o medo da morte parece metaforicamente resolvido no filme.

Ledo engano. Esses temas todos como morte, envelhecimento, doença, pragas, tragédias atraem e repulsam-nos.

Sempre é possível perguntar o porquê filmes como massacres de serras elétricas atraem tanto os adolescentes. Justamente eles que são sensíveis em demasia ao medo do escuro,

ao medo da solidão. Por quê? A atração é o medo. A atração é o sofrimento que se dá na sala escura.

Constrangimento liberado. Todos gritam. O medo se torna solidário.

Alguns temores só podem ser enfrentados no escuro coletivo.

Como voyeur também percorremos as faces do envelhecimento que a fotografia de Walter Carvalho no filme de Laís Bodanzky, "Chega de Saudade" (2007), revela. Contraditório que o título do filme aponte para um interromper do fluxo saudosístico e mergulhar no mundo da possibilidade de o mundo da juventude se perpetuar.

Muito se falou sobre o filme. A diretora apontou sua notada inspiração em "O baile" (1983), de Ettore Scola. "O baile" e "Chega de Saudade" têm uma geografia ímpar, ambos levam os espectadores para dentro de um salão de danças. Em Ettore Scola, a indiferença daqueles pares não permite intimidade. Nomes, relações são ocultas ao voyeur.

Bailamos com eles, nada deles sabemos.

Constrangimentos, sim.

A mulher que nunca sai para dançar, homens que não a desejam na parceria. O homem tímido que rodopia pelo salão, mas não tem coragem de chamar a dama para o enlace. Tipos esquisitos. Esquisitos de uma bela feiura, planejada feiura como a de um conto do realismo fantástico. Ou neo-realista como de fato foi o cineasta. Sem diálogos, a história do século XX é narrada pela música, pela alternância dos figurinos que os pares vestem.

O espectador se vê naqueles personagens de acordo com sua época. Os mais velhos voltarão aos anos 30; os mais jovens ao rock. Mas de alguma maneira esse espelho de caras, pés e roupas não afeta tanto como o faz o close-up de "Chega de saudade".

De repente, ousamos enfrentar o espelho e, sim, por que não? Bradamos: Chega de saudade! O tempo passou, esse rosto que enfrento com o olhar não tem mais os ágeis olhares de nossos vinte anos. Convenhamos, foi a "Chega de saudade" a maioria cinquentona! Viram-se assustados nas

faces daqueles homens e mulheres. Viram-se enganados pela mídia. Envelhecemos, sim! Quem disse que podemos ter vinte anos para sempre? Quem disse que a Tônia Carreiro e o Leonardo Villar (mocinhos, Álvaro e Alice, do filme) ainda estão jovens? Quem disse que as inúmeras intervenções cirúrgicas a que nos submetemos não nos levará a setenta, oitenta, noventa anos? E a Beth Farias? Mas nós a vimos ontem. Ela até foi chamada de “gostosa” em um dos tantos eventos para o lançamento do filme. Por que aquela aproximação em seu rosto? Por que a “gostosa” fica encalhada na cadeira do baile? Por que ninguém a leva ao centro e com ela baila?

Senhores, haveremos de culpar alguém por essa afronta: a televisão!

Novas e novas e mais novas técnicas filtram os rostos de atores e atrizes.

Sônia Braga nunca deixará de ser a eterna Gabriela. Beth Farias, a Tieta.

Está certo, elas são mesmo eternas. Eternas a cada vez que revemos esses filmes. Eternas como Gabriela ou Tieta. As personagens, sim. O ícone que essas atrizes representam, sim.

Mas o que nos querem fazer

crer é que esses homens e mulheres sejam eternos em suas faces. Certo, certo. Também somos eternos, perpetuamo-nos em outros, em filhos, em livros, em árvores. Em filmes.

O engodo. É isso que se desfaz. É isso que Laís Bodanzky faz. Quebra o encantamento da ilusão e nos dá caras e bocas de homens e mulheres como eles são. Feios ou bonitos naquilo que são. O espectador? Sentimos muito: você aí sentado. Você aí pensativa. Você envelhece, sim. A televisão mentiu para vocês. Mas tudo bem porque mesmo com o pé quebrado do Villar- o Álvaro. Mesmo com o início de Alzheimer da Tônia - a Alice.

Mesmo com a interferência dos muito mais jovens em nossos universos, como a Bel (de Maria Flor) que encanta o Eudes (Stepan Nercessian) para dor de Maurici (Cássia Kiss). Mesmo com tudo isso. Mesmo sem nada disso. A câmera acompanha nossos ágeis pés, nossos meninos olhares, nosso sexo escondido ou escancarado, nossa falta de jeito na pista, nossas traições ou nossas confianças, casados ou mentirosos, encalhados ou amados, a câmera acompanha nossos pés: dá-nos o tango, o bolero, o

pagode, o eterno samba da eterna voz rouca de Elza Soares - a crooner da banda do baile - e bailamos, bailamos como nunca. Até que a música ouse parar a melodia.

Assim o filme teve no início:

“Não deixe o samba acabar...”

Assim o filme tem o seu final:

“Não deixe o samba acabar...”

Até que a música ouse parar a melodia.



Uma questão degenerada



Abro o armário das minhas palavras. Aponto no paradigma pedido: Gênero. Faço a opção do retorno à gênese desse termo. Temo em pronunciar sua etimologia. O que é comum. Conjunto de espécies comuns.

Assim somos os do gênero humano. Assim somos os do gênero masculino e os do feminino. Homens e mulheres de espécie comum.

Volto à carteira escolar tão pequenina, ah, eu gostava tanto de sentar ali e ouvir a professora caracterizar os gêneros. Naquela época eu só compreendia que tudo era diferente, sei lá se pensava em gênero espécie comum. Continuava a mestra: cavalo?

Repetíamos: masculino. Qual é o feminino? Cavala, gritávamos como loucos certos de termos acertado a resposta. Frustração. Errado. Égua. Por quê? As coisas se complicaram quando descobri que o feminino de elefante era aliá. Aliá? Ufa, cresci e descobri que posso chamar a fêmea de elefanta. Mas continuo sem poder chamar a égua de cavala...

De qualquer forma, os gêneros eram coisas simples, comuns mesmo. Eu não sabia de nada. Do nada também descobri que muitos eram os gêneros nada comuns da literatura que eu já aprendia a amar. Gêneros literários. Um conto. Um romance. Um poema. Épico, lírico. Tantos os gêneros daqueles gênios todos. Poesia está na prosa. Muita gente grande não sabe disso e separa tudo. Guimarães Rosa escreve prosa. Fernando Pessoa escreve poemas. Que nada.

Os dois fazem poesia. Pois é, poesia, diria Décio Pignatari. Polissemia essa dos gêneros. Literário. Jornalístico. Importa que o texto saia pelo contexto. Palavras válidas dentro de cada gênero são palavras diferentes.

Como eu poderia imaginar que o gênero fosse tão longe.

Feminismo. Uma questão de gênero.

Machismo. Uma questão de gênero.

Homofobia. Uma questão de gênero.

Pedofilia. Uma questão de gênero.

Quem diria, a mulher não pode querer ser apenas do lar. Ela quer fazer coisas domésticas? Hummm, tem alguma coisa errada com ela. E o homem? Ele pode. Pode lavar a louça, é um homem de gênero. Entende que tem seu lado feminino. Pode ajudar a mulher. Ela pilota um jato. Tem gênero. Tem seu lado masculino. Ela pode, mas todo mundo fica olhando. Será que ela chega sã e salva?

Nessa mistura de gêneros, encontro os degenerados. Qual é o gênero deles? A gramática não os classifica. A moral os desclassifica. Eles são it. Eles são eles. Claro, se eu não sei, não podem ser elas. O masculino gramatical de língua portuguesa é implacável.

Chego ao caos da não-classificação. Chego ao gênero do que não é comum. Chego ao gênero do que está longe de ser próprio.

Quero expurgar todas as palavras. Não consigo. Sem elas não posso nem sequer expurgar. Limito-me a compreender que tudo estava lá no antes. Gênero: conjunto de espécies que apresentam certo número de caracteres comuns convencionalmente estabelecidos.

É isso. E antes que a questão fique degenerada, concluo: sou comum, porque convencionalmente assim fui estabelecida.



O ano em que meus filhos saíram de férias



Com certeza você deve pensar que troquei uma palavra. Não, nada disso. Sei bem a diferença deste título para o do filme quase homônimo “O ano em que meus pais saíram de férias”, do Cao Hamburger (2006).

Entre pais e filhos o que me interessa é o eufemismo que a expressão carrega: “sair de férias”. É bom saber que você assistiu ao filme. Não? Pena. Ainda dá tempo de perceber a nuance que férias apresenta. Tudo bem, então, se você assistiu ao filme, fica mais contextual aquilo de que trato aqui.

Chega um tempo em que tudo que escrevemos começa a se tornar confessional, autoral, biográfico. Há muito de tudo isso no filme do Cao. Haverá aqui também muito de muitas coisas às voltas deste ano de 2007. Na sua, na minha casa, dos pais, e dos filhos nossos.

Tudo começa com vozes altas saindo de algum lugar da memória:

“- nhenahum maum nheu ,nhem,....”

“- Comeno uma tatinha,memo?”

“- Tocou a pangainha, manhê.”

“- É dia do coeco da páscoa.”

“ Oh, filinho...”

“- Oh, p..., p...,p...”

“- Mãe, toma cuidado!”

“- Mãe, vou ser pai!”

Epa! Essas vozes são recentes. E esta outra, assustadora:
“- Você é a minha mãe.”

Mas é a minha própria mãe que me chama de mãe? E é o meu próprio filho que diz para eu ter cuidado? E que coisa é esse de o meu filho dizer que será pai?

Onde é que eu estava no momento em que o tempo passou por mim?

Eis o eufemismo. Tiraram férias de mim. Ninguém me avisou que é isso que acontece.

Um dia você está ao lado de todo mundo; no outro, eles desaparecem. Quem explica essa passagem? Que lugar é esse em que me encontro?

Respiro suavemente e vejo em névoas. Melhor, não vejo nada do que me é familiar. Minha mãe tem rugas e um olhar lalongedelongue. Para onde será que remete aquele olhar? É de dar medo. Transpassa, fulmina.

Meus filhos...., nossa, precisei olhar para cima, quase na ponta dos pés. Aquelas vozes confundiram-se no passado e neste ano. São velhas e recentes. São novas e antigas. Dizem que a vida é circular. Tudo é de novo aquilo que já passou. Não dá para não lembrar do “nós somos os mesmos e vivemos”, ah, Belchior, “como os nossos pais...”.

Pergunto-me: tirarei férias também de mim mesma?
Reconcilio-me ao meu coração.

Vem uma baita vontade de chorar. E choro muito. Mas descubro que o choro é a garantia de apaziguamento com a vida. Da minha mãe, dos meus filhos. A minha vida.



Duskolino sete belezas ou de como o cinema entrou na vida dele

Naquela primeira vez, Dusk ainda não era Dusk. Nem sequer se parecia a um cão. Um rato o definiria melhor. Vestia uma roupa semelhante àquelas do Super Homem. Hilário, no mínimo.

Não me senti imediatamente atraída por aqueles olhos pedintes de me adote. E nem era adoção. Oh, bichinho caro. Quis sair, ir embora. Mas quem resiste ao apelo do filho, puxando-lhe a barra da roupa. Ah, mãe, leva ele, vai? Olha que bonitinho!

Assim, ele entrou em nossas vidas já traumatizado pela rejeição. Pior. Veio de carro de São Vicente até São Paulo sem sequer um dramin. Deve ter me odiado.

Quer vê-lo invocado? Leve-o a passear no carro. Ele detesta. Pobrezinho. Uma certa vez, fomos até Santa Catarina. De raiva nem água ele quis beber na parada em Curitiba. Enfiou-se embaixo do banco do passageiro da frente. Lá ficou todos os 700 quilômetros da viagem. Na volta? Mesmo sufoco. Sem contar o dia em que ele fugiu da casa da praia na Daniela. Como era pra lá de inteligente, voltou exatamente para o mesmo lugar. Para nosso alívio.

São histórias e mais histórias.

E o dia em que pensávamos que ele saíra do prédio da Dé? Lá fomos eu e meu primo a subir e descer os 15 andares do prédio a chamá-lo. Sabem onde ele estava? Escondido embaixo da cama de forma a parecer invisível. Ah, vontade de esganá-lo!

O fato é que esse dachshund passou a chamar-se Dusk por indicação do meu filho mais velho. Crepúsculo. Esse era o Dusk. Bem, ele tinha tudo para ser chamado de Cofap. Ele era igualzinho ao sempre e várias vezes trocado protagonista daquela inesquecível publicidade. Como apelido? Claro, salsicha. Já viram um dachshund? É a essência da salsicha. Um detalhe aqui necessário. Ao chegarmos a casa, o filho que o nomeou apaixonou-se por ele. Por telefone, havia dito que cachorro pequeno não entraria em casa.

Mas ao vê-lo a paixão falou mais alto. Amores são assim, inexplicáveis. Assim é também o meu filho. Um tanto inexplicável para falar de amor. Ele ama. É pura ação comunicativa habermasiana.

Dusk não era chegado a humanidades. Nunca foi. Ele gostava de ser cachorro.

Na verdade, ele gostava daquelas partes da humanidade que lhe convinham. Dormir na cama conosco, subir à mesa para roubar os bocados das saborosas comidas. Agora, por roupa (como aquela em que estava), andar no carro. Ser amável? Não, não era de seu feitio. Ele era um cachorro. Morder? Todos os de casa, sempre os de casa, foram mordidos por ele. Dedão de pé era sua parte preferida. Mãos também. Quantas vezes fui ao trabalho de chinelo e com o dedão arrebitado? As pessoas diziam, o cachorro é seu e te morde? Fosse meu eu já o teria doado! Ah, mas ele tinha personalidade. Se não concordava com algo, a forma de reagir era essa, morder. O Dusk recebeu dez anos atrás uma companheira, Dhara, também dachshund, mas pretinha. Uma graça. Com ela, tiveram filhotes. Uma beleza e coisa e tal, mas foi preciso castrá-los antes que eu me transformasse em medusa. Esses dois pareciam coelhos. Não dava pra aguentar uma ninhada a cada seis meses. Meus filhos detestaram a ideia de ver os filhotes doados e os cães castrados. Acho que nunca me perdoarão. Nem eu a mim mesma. Mas fazer o quê? Não sou dona de canil, não sei administrar isso. Dois cães já eram muita responsabilidade.

Ambos ficaram bem. E apenas amigos.

A Dhara é chegada a humanidades. Até demais.

O Dusk continuou a ser superior e mordendo a todos nós.

Uma única concessão incrível é ver a Isabella e o Dusk. Ela faz com ele o que bem quer e ele na dele. Nem rosna. Isabella é a minha neta. Tem quatro anos. E ama animais, cães preferencialmente. Dusk e Dhara preferencialmente. Acordo fechado.

E o cinema onde entra nessa história duskolina?

Pasqualino Sete Belezas é um filme de 1975, de Lina Wertmüller. Pasqualino é um personagem irresistível. Um sem caráter maravilhoso.

Vi esse filme no cinema ainda jovem e me apaixonei pelo ator Giancarlo Giannini e pelos filmes da Lina.

Esse ar irreverente de Pasqualino pairou sobre o Dusk. Ele não era mau caráter, mas tinha a mesma arrogância de Pasqualino. E o som italiano da pronúncia me fez pronunciar assim aquele cão que não queria saber de humanidades: Duskolino Sete Belezas. Não sei se as irmãs de Dusk eram sete como as de Pasqualino. Nem se não eram belas, mas assim o diziam, como as irmãs de Pasqualino. O fato é que em casa acho que nem sabiam de nada sobre a Lina ou o cinema italiano ou sobre o verdadeiro Pasqualino. Imitavam-me no apelido.



Quem gosta de repetir-me é a Isabella: oi, Duskolino Sete Belezas!

Falamos com aquele sotaque macarrônico italiano.

Cadenciando as sílabas.

Assim, Dusk virou cinema.

Como ator cinematográfico ele entrou àquele patamar dos imortais. Tratado com deferência seu ar já superior excedeu todo e qualquer limite. Reinava absoluto sobre a Dhara e sobre todos nós.

Volta e meia ao puxarmos as cadeiras da mesa de jantar soltamos gargalhadas ao lembrarmos do dia em que ele, bem quietinho, roeu os pilares da mesa. Sorte que o alto dos pilares é que sofreu o desgaste canino. Má sorte teve o móvel da minha tia ou os pés da antiga cama de casal que virou o poste predileto de Duskolino.

Em que pese todos os cuidados de humanidades que ele recebeu de todos nós, o tempo foi inexorável com ele. Como é com todos nós.

Ele viu derrocadas, viu chegadas, partidas, riu e chorou muito comigo.

O tempo desgastou-o também psicologicamente. Como a mim. Sorte eu ser como sou. A idade ainda me é leve. A dele, nada indelével.

Aos poucos estranhamos que ele batesse em tudo ao caminhar pela tão conhecida casa. Pronto e paf: a cegueira invadiu sua visão. Doía vê-lo perdido nas caminhadas. Acostumamo-nos. Al Pacino e Duskolino seguiam-nos pelo faro.

Por conta da cegueira, não podia ouvir o tilintar da ração em sua vasilha. Corria e batia-se muito, mas chegava a ela como se fosse comer pela última vez.

Os males da idade foram ainda mais cruéis ao lhe trazerem dois tumores no baço. Impossível cirurgia por conta da idade. Afinal, um cão com 17 anos está beirando os 84. E daí, não está ainda em luta o bravo arquiteto do alto de seus 104? Com dificuldades, claro, mas lá está.

O Dusk abateu-se muito no último ano. Seus caninos comprometidos provocaram infecção. Ele não deixa ninguém limpar seus dentes. Com a focinheira a tarefa fica impossível. Só com anestesia. Mas se pode perdê-lo ali mesmo na anestesia.

Já abatido, não quis comer. Mal. Isso é mal.

Veterinário.

Diagnóstico: há que interná-lo. Os rins estão parando. A infecção bucal acelerou. Dois dias com soro, medicação e mais e mais invasões de humanidades. Logo ele, que as detesta.

Dois dias para que melhore um pouco e seja possível operá-lo sem riscos.

Eutanásia?

Falei fácil. Rápido demais. Agir? Difícil. Vamos até o fim: soro, mais remédios, mais isso e aquilo.

E lá está ele na clínica. Ele que jamais saiu de casa sozinho. Lá está ele. A seu lado vários outros animais. Um picou-lhe uma jararaca. Outro comeu um saruê já morto.

É hora de visita, vejam só. Diz-me o veterinário que ele se anima quando estou lá. Falo com o Dusk. Conto-lhe das coisas de casa, dou-lhe notícias da Dhara. Digo que logo ele estará de volta. Nem eu mesma acredito no que falo. Ele não me vê, mas percebe-me o cheiro, a voz. Tenta com esforço ficar em pé. As patas inchadas. Dou-lhe água com as palmas da mão.

Controlo-me. Não quero chorar à frente dele. Logo ele, tão cachorro.

Pergunto-me: o que será que ele me diz com o rosto tão abatido?

Meu filho diz que ele pede para ir embora, já cuidou demais de todos nós.

E eu? Eu não encontro coragem frente àquela figura frágil. Fosse um gato aquela seria apenas mais uma de suas vidas. De repente, animo-me. Ele também, ele também. São sete belezas. Apenas uma lhe foi abatida. Regozijo-me: Duskolino Sete Belezas.

Dusk



Dhara



E a Lola, o mais novo membro da família Gimenes

Por enquanto é só...

Acompanhe o blogue da roseli

